

RESENHA EM DEFESA DO DECRESCIMENTO¹ IN DEFENSE OF DEGROWTH

Resenha: KALLIS, Giorgos. In defense of degrowth: opinions and manifestos. Uneven Earth Press, 2017, 232 p.

ALMEIDA, Márcio Lino²

Giorgos Kallis, economista ecológico de origem grega, é um dos principais teóricos do decrescimento da atualidade (até 2018 era o autor com o maior número de publicações científicas sobre o tema na língua inglesa). Kallis possui muitos artigos e alguns livros sobre o decrescimento, mas, sem dúvidas, o livro *In Defense of Degrowth* é sua obra mais representativa. Trata-se de um apanhado de seus artigos sobre o tema, e está dividido em sete partes.

A primeira parte faz uma apresentação do decrescimento em linhas gerais. Nela, o autor atribui ao movimento o objetivo principal de desconstruir a ideologia do crescimento econômico e abrir espaço para novas utopias e narrativas de futuro para a humanidade e o planeta. Para substituir a atual organização socioeconômica capitalista, o autor propõe a utopia do decrescimento, que seria um mundo de baixo consumo energético e material, mais simples, com menor circulação de dinheiro, mercadorias e pessoas, e cuja governança se daria por meio de associações locais, de pequena escala, não-somente-lucrativas, solidárias e baseadas numa economia de compartilhamento e de

¹ Enviado em: 19 Out. 2020. | Aceito em: 20 Mar. 2021.

² Mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB), ênfase em economia verde e decrescimento. m.linodealmeida@gmail.com | <http://orcid.org/0000-0001-5845-5604>

escala estacionária. Para Kallis, essa seria uma sociedade ambientalmente sustentável e socialmente justa. O autor ilustra essa utopia com exemplos reais de grupos e associações que seguem essas premissas, em sua maioria proveniente da Espanha, o que o faz chamar o decrescimento de *nowtopia* (uma utopia do agora).

Kallis cumpre com sucesso o objetivo do decrescimento e consegue convencer o leitor de que uma economia baseada no crescimento econômico não é possível nem desejável, e até faz uma boa apresentação da utopia do decrescimento, por mais difícil que seja imaginá-la ganhando forma (mas tudo bem, afinal, é uma utopia). Contudo, é inevitável que o leitor se questione “mas como vamos sair do ponto em que estamos para chegar à utopia do decrescimento? Qual a estratégia?”, e talvez esse seja o ponto mais fraco desse livro, pois ele não responde essa pergunta. A estratégia apresentada pelo autor é essencialmente bottom-up, ou seja, parte da ação local para o efeito global. Contudo, é pouco crível que problemas como o aquecimento global e a desigualdade entre países pobres e ricos, pra ficar apenas nesses dois exemplos, sejam resolvidos por meio de ações locais, voluntárias e descentralizadas, e Kallis demonstra ter consciência disso. Mas, essa é, sem dúvidas, a parte mais desafiadora para os proponentes do decrescimento, e é compreensível que eles ainda estejam à procura de uma resposta.

Na segunda parte do livro, Kallis critica fortemente uma corrente que vem ganhando força no campo da sustentabilidade e da política, que é o crescimento verde (ou ecomodernistas, como ele prefere chamar). Para o autor, os adeptos dessa corrente erram ao apostarem no aumento da modernização e da eficiência como respostas à crise ambiental, pois reforça a fonte de todos os problemas, que é o crescimento econômico contínuo. Ele é particularmente crítico ao uso da energia nuclear, à qual não considera ser limpa (devido à grande quantidade de emissão de gases estufa em sua cadeia de produção), e acredita reforçar a estrutura de poder oligárquica e centralizada do capitalismo, além de contribuir para o aumento da escala do sistema econômico. Contra intuitivamente, também se coloca contrário à geração de energia solar e eólica doméstica, descentralizada, pois afirma que a instalação dessa infraestrutura também geraria grande impacto ambiental devido à sua intensidade material e energética. Para o autor, não há outra saída para a crise ambiental senão a redução absoluta do consumo energético, mesmo que de fontes limpas e renováveis.

Na terceira parte, o economista grego, faz comentários sobre a ideologia do crescimento na disciplina da Economia e traz um interessantíssimo relato de como economistas heterodoxos foram perseguidos e isolados por acadêmicos de grandes universidades americanas, contribuindo à atual hegemonia do neoliberalismo dentro da Economia.

Na parte número quatro, o autor critica o “crescimento socialista”, que seria um crescimento econômico “virtuoso”, desprovido da busca pelo lucro e direcionado ao atendimento das necessidades humanas. Para Kallis, a esquerda radical deve assumir o discurso do decrescimento se quiser ser realmente radical, posicionando, assim, o decrescimento dentro do espectro político.

Nessa parte, Kallis também apresenta o controverso conceito de *dépense*, que seria uma forma de consumir as riquezas produzidas sem resultar em investimento e nova produção. Nessa linha, o autor argumenta que é melhor promover grandes festas e banquetes públicos ou enfeitar construções públicas com ouro do que investir esse recurso em novo crescimento. Essa talvez seja a mais polêmica das propostas, pois é incômodo pensar em destruir riqueza quando podemos utilizá-la para melhorar as condições humanas e dos ecossistemas. Contudo, dentro do contexto idealista da utopia do decrescimento, o *dépense* faz sentido: num mundo em que sociedade e natureza vivem bem e em harmonia, é melhor utilizar o excedente da produção para reforçar laços sociais e dar significado ao viver do que utilizá-lo para gerar crescimento.

Na quinta parte do livro, Kallis apresenta brevemente algumas propostas políticas do decrescimento, como, dentre outras, estabelecer piso e teto de renda (*income*), criar empregos compartilhados, reduzir e controlar a publicidade e diminuir a jornada de trabalho para 32 horas semanais. O autor dá especial atenção a esta última. É interessante notar que muitas dessas propostas, se não todas, têm caráter intervencionista e top-down, ou seja, dependem da ação governamental nacional ou mesmo global para sua implementação, o que é improvável a partir de uma estratégia essencialmente bottom-up como a do decrescimento.

A sexta parte do livro é a joia preciosa desta obra. Nela Kallis apresenta comentários feitos por diversos estudiosos (incluindo notáveis, como Herman Daly) à textos e apresentações suas sobre o decrescimento e, em seguida, os responde. Aqui o

leitor tem a chance de ter algumas de suas próprias perguntas respondidas por Kallis, pois provavelmente as encontrará expressas nos comentários dos outros autores. Essa é uma oportunidade rara, pois não é comum que escritores incluam capítulos desse tipo em seus livros, de modo que o leitor termina a leitura com a visão exclusiva do autor e a cabeça cheia de perguntas. Kallis foi brilhante ao incluir essa parte, e com certeza os leitores mais experientes ficarão gratos por isso.

Nessa parte fica claro que Kallis é um pouco resistente em trocar o idealismo do decrescimento pela viabilidade política do pragmatismo. Muitos dos comentários dos estudiosos expressam preocupação com as limitações da estratégia do decrescimento e propõe outras abordagens, mas Kallis as rejeita todas com receio de que o pragmatismo político corrompa o movimento e distorça seu objetivo final.

A sétima parte traz algumas discussões sobre o decrescimento do ponto de vista dos países em desenvolvimento e países “menos desenvolvidos” do sul da Europa. Parece um pouco incompleto e poderia ser mais desenvolvido.

In Defense of Degrowth é uma boa referência para o decrescimento e contribui tanto para leitores iniciantes no tema quanto para os mais experientes. Entretanto, ele não é capaz de superar os limites teóricos do decrescimento: faz uma excelente desconstrução do discurso do crescimento econômico e pinta um cenário utópico provocativo, porém falha na hora de propor uma estratégia convincente, mais especificamente por não incluir uma abordagem top-down que preencha as lacunas deixadas pela estratégia bottom-up. De certa forma, essa ausência é compreensível, uma vez que o Estado é um braço da elite econômica, e esta, sem dúvidas, usaria seu poder para barrar a desconstrução do sistema capitalista e de seus privilégios. Essa condição faz do decrescimento bottom-up uma estratégia fadada ao fracasso, por mais nobres que sejam os seus ideais.

Aos seus proponentes, vejo três possibilidades de futuro:

- 1). Insistir na estratégia exclusivamente bottom-up, num otimismo utópico, mesmo que conscientes de seu provável insucesso. Seria a opção de viver o presente da forma mais honrada, mesmo que certo de seu fracasso.

- 2). Buscar inspiração em propostas que compartilhem de alguns dos valores e objetivos do decrescimento, mas que possuam estratégias top-down mais efetivas e factíveis. Contudo, seria inevitável ceder em algum ponto, em especial na política e na

manutenção de alguns dos privilégios da elite no processo e no resultado.

3). Aceitar a incapacidade do decrescimento em fazer surgir as transformações necessárias para revolucionar a sociedade e se preparar para as quebras socioambientais que estão por vir. Essa preparação poderia ser feita em duas frentes: a) mantendo o trabalho de base já feito pelos praticantes do decrescimento hoje, como a expansão das iniciativas locais, voluntárias e solidárias que já fazem parte do movimento e b) formulando os cenários futuros mais prováveis e preparando uma estrutura de amortecimento da eventual queda do sistema, com organizações e iniciativas que ajudem as pessoas impactadas pelas quebras socioambientais a se reerguerem e formarem uma nova sociedade. Por exemplo: o discurso do decrescimento não é atraente para as pessoas pobres num contexto dominado pela ideologia do crescimento. Contudo, confrontadas com as quebras socioambientais, essas pessoas (e também aquelas da classe média) podem se sentir atraídas por uma vida mais simples e lenta se a outra opção for lutar numa guerra pelos escombros do sistema prévio.

Dadas as três opções acima, acredito que a mais efetiva e pragmática seja a terceira, já que os valores e objetivos do decrescimento não seriam alterados, apenas reforçados por uma segunda via que admite e se prepara para o eventual fracasso da primeira.

Referências

Giorgos Kallis. In defense of degrowth: opinions and manifestos. Uneven Earth Press, 2017, 232 p. < <https://indefenseofdegrowth.com> >

Autor: Giorgos Kallis

Nome do livro: In defense of degrowth: opinions and manifestos

Editado por: Aaron Vansintjan

Editora: Uneven Earth Press

Páginas: 232

Ano: 2017

ISBN-10: 9090306617

ISBN-13: 978-9090306612